

Um dos (vários) problemas do *Design* Inteligente e um pouco de Filosofia

Em meu antigo Knol sobre o [argumento do relojoeiro de Paley](#), apresento parte da extensa argumentação de Thomas E. Hart sobre o tema, e aqui, abordarei uma derivação desta parte.

Os defensores do D.I. apontam que a perfeição mecânica e complexidade "irredutível" dos sistemas bioquímicos não poderia se originar de processos naturais progressivos, logo evolutivos, e como demonstro o *design* inteligente implica não só numa [divindade criadora](#) como igualmente no [processo evolutivo](#) (e as demonstrações nem mesmo são originais minhas, mas na verdade, amplamente conhecidas pela comunidade científica, filosófica e simplesmente interessada, dedicada ao tema).

Mas se implica numa divindade atuante sobre os seres vivos e sua bioquímica, **não necessariamente implica em uma única**, exatamente a linha de argumentação apresentada por Thomas Hart - de que a existência de um relógio não implica em ser projetado/construído por um mesmo *designer*/artesão. Logo, por este raciocínio similar e simples, podemos também afirmar que se há a atuação de uma divindade num *táxon* biológico qualquer, não necessariamente esta atuação de dá por uma mesma divindade neste *táxon* ao longo de sua história evolutiva.

Exemplificando, se o olho e seus mecanismos bioquímicos de um [amniota](#) foi desenhado e modificado no processo evolutivo por uma divindade, a modificação para um olho superior oticamente como o das aves de rapina pode ter sido ação de outra divindade, talvez com maior simpatia por aves que por mamíferos.

Poderíamos também deduzir (mesmo numa monstruosa construção lógica destas) que os predadores seriam fruto de uma divindade mais poderosa, ou mesmo os parasitas de uma mais malévola, ou os vegetais de uma mais preguiçosa, as bactérias de uma mais simplória, os insetos de uma mais imaginativa, e assim *ad infinitum*.

Igualmente em grande volume, poderíamos, pela linha de nossa argumentação, afirmar que a partir do grande trabalho do *designer* que produziu os diversos *designs* do Cambriano, sobreviveram apenas os pouco imaginativos posteriores, limitados aos poucos *designs* básicos que hoje temos, ou que o laborioso trabalho que conduziu aos magníficos unglados carnívoros, foi destruído por alguma divindade invejosa, perturbando uma o trabalho da outra, aliás, tema de mitologia que à exaustão foi explorado pelos gregos.

Em suma, afirmar que há a ação de uma divindade não implica em sustentar uma metafísica já destruída, na expressão de [Heidegger](#), brilhantemente difundida pelo professor de filosofia [Cirne Lima](#), que conduza à aceitação inequívoca de uma

divindade judaico-cristã, [aos moldes de Tomás de Aquino](#), e sim, à uma progressão de dúvidas, mais que certezas, pois além de teleologia alguma ser evidente na natureza, menos ainda nos seres vivos, não está na existência dos processos e sistemas biológicos a sustentação para a existência inequívoca de uma divindade, pois como vimos acima, se antes a primeira argumentação simplória poderíamos tender a Jeová, agora podemos ter Zeus, ou Brahman, ou Odin, etc, entre milhares frente aos milhares de *táxons* dos seres vivos, a terem evidência nos *designs* que julgamos divinos e irredutíveis pelo pífio argumento de Paley.

Concluindo, pelo que vimos, uma argumentação pelo *design* inteligente mais pulveriza a fé do que a unifica. Não é a marcha para as certezas, mas para uma confusão inimaginável mesmo ao compilador Ovídio em [Metamorfoses](#).



Zeus e Hera

Extras

1

Há um debate interessante na net sobre este texto, onde podem ser bem avaliadas as opiniões e até simples teimosias simplórias sobre o que ele aborda:

forum.jogos.uol.com.br

2

Como parte de seu projeto ontológico, Heidegger empreende uma reinterpretação da Filosofia ocidental anterior. Ele quer explicar por que e como o conhecimento teórico veio a parecer como a relação mais fundamental de ser. Esta explicação tem a forma de uma desestruturação (*Destruktion*) da tradição filosófica, uma estratégia interpretativa que revela a experiência fundamental do ser na base de filosofias anteriores que se tornaram obsoletos e escondidos dentro da atitude teórica da metafísica da presença. Este *Destruktion* não é simplesmente uma operação negativa, mas sim uma transformação positiva, ou de recuperação.

Em 'Ser e Tempo' Heidegger assume momentaneamente a desestruturação da filosofia de René Descartes, mas o segundo volume, que se destinava a ser um *Destruktion* da filosofia ocidental em todas as suas fases, nunca foi escrito. Em obras posteriores, Heidegger usa essa abordagem para interpretar as filosofias de Aristóteles, Kant, Hegel, e Platão, entre outros.

Este aspecto da obra de Heidegger exerceu uma profunda influência sobre Jacques Derrida, embora também há diferenças importantes entre *Destruktion* de Heidegger e a desconstrução de Derrida. - en.wikipedia.org - [Being and Time - Destruction of metaphysics](#)

VERSÃO QUE FOI PARA O CETICISMO.NET:

e um pouco de Filosofia

Em meu Knol sobre o [argumento do relojoeiro de Paley](#), apresento parte da extensa argumentação de Thomas E. Hart sobre o tema, e aqui, abordarei uma derivação desta parte.

Os defensores do D.I. apontam que a perfeição mecânica e complexidade "irredutível" dos

sistemas bioquímicos não poderia se originar de processos naturais progressivos, logo evolutivos, e como demonstro o *design* inteligente implica não só numa [divindade criadora](#) como igualmente no [processo evolutivo](#) (e as demonstrações nem mesmo são originais minhas, mas na verdade, amplamente conhecidas pela comunidade científica e filosófica dedicada ao tema).

Mas **se** implica numa divindade atuante sobre os seres vivos e sua bioquímica, **não necessariamente implica em uma única**, exatamente a linha de argumentação apresentada por Thomas Hart - de que a existência de um relógio não implica em ser projetado/construído por um único *designer*/artesão. Logo, por este raciocínio similar e simples, podemos também afirmar que se há a atuação de uma divindade num *filo* biológico qualquer, não necessariamente esta atuação de dá por uma mesma divindade neste *filo* ao longo de sua história evolutiva.

Exemplificando, se o olho e seus mecanismos bioquímicos de um *amniota* foi desenhado e modificado no processo evolutivo por uma divindade, a modificação para um olho superior oticamente como o das aves de rapina pode ter sido ação de outra divindade, talvez com maior simpatia por aves que por mamíferos.

Poderíamos também deduzir (mesmo numa monstruosa construção lógica destas) que os predadores seriam fruto de uma divindade mais poderosa, ou mesmo os parasitas de uma mais malévola, ou os vegetais de uma mais preguiçosa, as bactérias de uma mais simplória, os insetos de uma mais imaginativa, e assim *ad infinitum*.

Igualmente em grande volume, poderíamos, pela linha de nossa argumentação, afirmar que a partir do grande trabalho do *designer* que produziu os diversos *designs* do Cambriano, sobreviveram apenas os pouco imaginativos posteriores, limitados aos poucos *designs* básicos que hoje temos, ou que o laborioso trabalho que conduziu aos magníficos ungulados carnívoros, foi destruído por alguma divindade invejosa, perturbando uma o trabalho da outra, aliás, tema de mitologia que à exaustão foi explorado pelos gregos.

Em suma, afirmar que há a ação de uma divindade não implica em sustentar uma metafísica já destruída, na expressão de Heidegger, brilhantemente difundida pelo professor de filosofia [Cirne Lima](#), que conduza à aceitação inequívoca de uma divindade judaico-cristã, aos moldes de Aquino, e sim, à uma progressão de dúvidas, mais que certezas, pois além de teleologia alguma ser evidente na natureza, menos ainda nos seres vivos, não está na existência dos processos e sistemas biológicos a sustentação para a existência inequívoca de uma divindade, pois como vimos acima, se antes a primeira argumentação simplória poderíamos tender a Jeová, agora podemos ter Zeus, ou Brahma, ou Odin, etc, entre milhares frente aos milhares de *filos* dos seres vivos, a terem evidência nos *designs* que julgamos divinos e irreduzíveis pelo pífio argumento de Paley.

Concluindo, pelo que vimos, uma argumentação pelo *design* inteligente mais pulveriza a fé do que a unifica. Não é a marcha para as certezas, mas para uma confusão inimaginável mesmo ao compilador Ovídio em [Metamorfoses](#).



Zeus e Hera